

Coleção Aventuras Grandiosas

AS VIAGENS DE MARCO POLO

Adaptação de Isabel Vieira

2ª edição

 EDITORA
RIDEEL



Capítulo 1

UMA VISITA INESPERADA

Eu me chamo Marco Apolino e tenho nove anos. Deram-me esse nome ridículo só porque nasci no dia 5 de setembro, acredita? Dia de Santo Apolino, olha o azar! Senão, teriam me batizado só de Marco, igual ao meu tio, irmão do meu pai. Ou de Marco Antônio, Marco Aurélio, Marco qualquer outra coisa... Morro de vergonha quando descobrem. Ainda bem que pouca gente sabe. Só quando minha mãe fica brava é que me chama assim:

— Marco Apolino, volte já pra cama! Enquanto a febre não baixar você não pode sair. Quer pegar uma pneumonia?

Estou com uma gripezinha de nada e ela já pensa em pneumonia. Mãe é assim... Faz três dias que não saio do quarto. Cansei de ver tevê. Ontem o tio Marco veio me visitar e me trouxe um presente. Um livro enorme, de um tal de Marco Polo.

— Você vai adorar, xará! — ele disse. — Esse italiano foi o maior viajante da Idade Média. Viajou de Veneza à China por terra, andou pela Ásia, Japão, Índia, conheceu países exóticos do Oriente. Viveu na corte do embaixador do imperador mongol Cublai-Cã, neto de Gêngis-Cã. Uma aventura e tanto!

Meu tio sabe que detesto ler. Por que vive me dando livros de presente?

— Pensa que Marco Polo viajou de avião, xará? — ele insistiu, fingindo não reparar no meu desinteresse. — Naquele tempo não havia carro, nem rádio, nem navios seguros e velozes. A condução era cavalo, camelo...

Foi me dando um sono!

Eu tinha tomado remédio para febre e comido um prato de macarrão instantâneo. Adoro macarrão instantâneo, posso comer todo dia que não enjoa. Ontem estava sem fome e sobrou um pouco. Deixei o prato com os restos no criado-mudo, o livro rolou sobre as cobertas e caiu no chão. Nem vi tio Marco sair, pois apaguei completamente.

Não sei quanto tempo dormi. Aliás, estava dormindo ou delirando? Pois de repente... Que susto! Um carinha loiro de uns dezessete anos, vestindo uma calça de veludo de montaria e uma túnica de seda branca, surgiu do nada ao lado da minha cama e perguntou, com forte sotaque italiano:

— E aí, Marco Apolino? O espaguete estava bom?

Custei a entender que ele se referia ao prato com o resto de macarrão instantâneo.

— O que quer? — sussurrei, sonolento.

— Está fazendo pouco da minha história, não é? Se não fosse por mim, não estaria comendo esse macarrão hoje!

— Quem é você?

Ele deu uma risada simpática e me estendeu a mão.

— Marco Polo, muito prazer. Aquele do livro que você jogou longe.

Só por educação, apertei a mão estendida. Ele continuou:

— Fique sabendo que quem trouxe o macarrão da China para o Ocidente fui eu, ouviu? O macarrão e várias outras coisas...

— É mesmo? Faz tempo?

— Sete séculos, mais ou menos. Nasci em 1254. Tenho setecentos e tantos anos a mais do que você. Somos quase xarás, Marco Apolino. Vou chamá-lo de *Marco século vinte e um*. Eu serei o *Marco século treze*.

O que esse cara queria? Andou pelo quarto e senti cheiro de **ESPECIARIAS**, um pouco de canela, cravo, gengibre, talvez pimenta. Quando falou de novo, emanava perfumes de **ALMÍSCAR** e madeira.

— Acha que fiz pouco, *Marco século vinte e um!*? — ele disse, revoltado.

— Que tal você se mandar pro espaço num foguete, aterrissar em planetas onde ninguém esteve e, na volta, contar o que viu aos homens de hoje? Tipo: nesse planeta tem vida e ela é diferente da nossa. Que plantas e animais existem lá. Quem são seus habitantes, o que comem, como guerreiam...

— Foi isso que você fez?

— Sim, vi com meus próprios olhos todas as maravilhas do mundo no meu tempo, estive em países onde ninguém havia pisado antes! Muita gente não acreditou, me apelidaram de Milhão — dizendo isso, ele escondeu o rosto atrás de uma máscara e confidenciou: — Milhão é como chamam o contador de mentiras no carnaval da minha terra, Veneza. É a cidade onde há canais em vez de ruas e as pessoas andam de gôndola.

Eu já tinha visto fotos de Veneza. Fiz que sim com a cabeça.

— Mas de que adiantaria ter visto tanta coisa se não tivesse deixado este livro registrando os acontecimentos? — disse *Marco século treze*, pegando do chão o tijolo que meu tio havia trazido. — Graças a ele, hoje você pode saber.

- ◆ **ESPECIARIAS**: substâncias aromáticas usadas como condimentos
- ◆ **ALMÍSCAR**: substância extraída de uma bolsa situada sob a pele de um mamífero de nome almiscareiro usada para fazer perfumes





— Foi você quem escreveu?

Marco século treze abriu outro lindo sorriso. Comecei a gostar dele.

— Não sou bom de escrita, apesar de falar vários idiomas. Ditei o livro a Rusticiano de Pisa, meu colega de cela, quando estávamos presos.

— Você esteve na prisão? Por quê?

— Três anos depois de eu voltar do Oriente, em 1298, houve uma guerra entre Veneza e **GÊNOVA**. Os genoveses venceram. Eu comandava uma **GALERA** veneziana e acabei prisioneiro. Foi sorte, pois no cárcere conheci Rusticiano. Nem senti o tempo passar, contando os 24 anos de aventuras a ele.

— Sua viagem durou 24 anos??!!

Recostei nos travesseiros, curioso.

— Somando tudo, sim. Três anos e meio de Veneza a Pequim. Para voltar, outros quatro anos. Fora os dezessete anos que ficamos lá. Fui garoto e voltei com mais de quarenta anos. Os parentes não nos reconheceram.

— Você fala no plural. Alguém mais viajou com você?

— Fui na companhia de meu pai, Nicolo, e meu tio, Mafeo — respondeu Marco, notando que havia conquistado meu interesse. — Os irmãos Polo eram mercadores. Viajavam para comercializar sedas, peles, tecidos, tapetes, joias, temperos, plantas, madeiras. Meu pai e meu tio já haviam estado na corte de Cublai-Cã antes. Voltaram a Veneza em 1269. Foi quando conheci meu pai. Dois anos mais tarde, em 1271, partimos juntos, os três.

Sentei na cama e o encarei, perplexo. Ele devia estar me gozando!

— Só conheceu seu pai com quinze anos?! Estou entendendo por que o chamavam de Milhão, *Marco século treze*.

Ele me olhou, triunfante. Tinha me vencido completamente.

— Quer que eu conte a história desde o começo, **BAMBINO**? Vamos lá, você estará em boa companhia. Cristóvão Colombo foi meu leitor apaixonado, sabia? Só descobriu a América porque leu este livro...

- ❖ **GÊNOVA**: cidade italiana junto ao Mar Mediterrâneo que rivalizava com Veneza
- ❖ **GALERA**: antiga embarcação movida a remos e a vela
- ❖ **BAMBINO**: menino em italiano

Capítulo 2

O MONTE ARARAT E A ARCA DE NOÉ

No escurinho do meu quarto, comecei a ver as cenas. Montado num cavalo árabe, Marco Polo olhava o cenário com emoção. Os camelos com as mercadorias avançavam entre os desfiladeiros da Armênia, primeira parte da viagem ao misterioso Oriente. Um guia e uma **ESCOLTA** de dez homens seguiam com o grupo. Marco cavalgava atrás do pai, Nicolo, e do tio, Mafeo. Era bom demais estar com eles. E o menino que se julgava órfão até pouco tempo!

O pai de Marco havia partido antes de ele nascer. A mãe morrera no parto. Tinha sido educado por tios, que lhe ensinaram as artes do comércio, como era hábito em Veneza. Aprendera leitura e aritmética, sabia usar dinheiro estrangeiro, avaliar mercadorias e cargas de navios.

Marco nunca esqueceria do dia em que o pai bateu à porta da casa e disse:
— Sou Nicolo Polo, bambino. Este é Mafeo, meu irmão. Quem é você?

Abalado ao ser informado da morte da esposa, Nicolo se consolara ao saber que tinha um filho tão inteligente. Chegava de Constantinopla, onde a família possuía uma casa de comércio. Dali haviam saído, ele e Mafeo, para o Extremo Oriente, onde fizeram amizade com Cublai-Cã, que controlava o poderoso império mongol. Cublai encarregara os Polo de ir a Roma pedir ao papa para enviar padres à China, pois queria conhecer o cristianismo. Essa missão os trouxera de volta a Veneza, mas logo deveriam partir de novo.

— Quer ir conosco, Marco? — tinha perguntado Nicolo, para felicidade do garoto. — Será uma viagem longa, mas fascinante. Você conhecerá riquezas fabulosas, paisagens exóticas, povos com costumes estranhos...

Embora estivessem no início do trajeto, Marco já tinha se encantado bastante. Haviam cruzado o Mediterrâneo de navio até São João d’Acre, com bom vento e a proteção de Deus, levando produtos para vender e presentes para Cublai-Cã. Tinham ido a Jerusalém buscar o mais precioso dos presentes: azeite da lâmpada do sepulcro de Jesus Cristo, que o rei mongol pedira a eles.

— Parece tão distraído, meu filho! Em que pensa? — perguntou Nicolo, emparelhando seu cavalo com o de Marco e tirando-o do devaneio.

↔ **ESCOLTA:** acompanhamento





Atravessavam uma região rica em vilas e castelos, com caça abundante. O comércio de panos, sedas, **BROCADOS** e tapetes também era intenso. Marco se certificou de que a **ÂNFORA** de prata com o óleo do Santo Sepulcro estava segura em sua cela e respondeu com outra pergunta:

— Por que Cublai-Cã tem interesse nos cristãos, pai? Como vamos lhe explicar o fracasso da missão que ele confiou a você e ao tio Mafeo?

— Calma, Marco, uma pergunta por vez — riu Nicolo. — Sobre a morte do papa, vamos falar a verdade. Esperamos dois anos e até agora o novo papa não foi eleito. Não podíamos atrasar mais a viagem. Cublai sente curiosidade por outros povos, por isso deseja conhecer nossa religião. E quer saber de uma coisa, filho? Para nós, europeus, é vantajoso levar a fé cristã aos **MONGÓIS**.

— Por quê? — Marco Polo quis saber.

— Europeus e mongóis, unidos, poderiam deter a expansão islâmica. Os **MULÇUMANOS** nos ameaçam faz tempo. Tomaram Jerusalém, ocuparam o norte da África, chegaram à Península Ibérica. Fizemos as **CRUZADAS** para expulsá-los da Europa. Um Grã-Cã católico, apostólico e romano facilitaria as coisas.

Marco sentia fome e sede. A caravana parou para descansar e se alimentar junto de um castelo belíssimo. As montanhas ao redor abrigavam ricas minas de prata.

— Olha, pai, que lindas facas aqueles **TÁRTAROS** estão vendendo! — disse Marco, admirando a perfeição das lâminas.

— As facas de Arzigã são as melhores do mundo. Escolha uma para você — ofereceu Nicolo, enquanto selecionava alguns fardos de tecido de algodão grosso, chamado bogarão, que só era produzido nessa região.

Nos dias que se seguiram, cruzaram pastagens verdes entre rios e lagos. Nicolo contou que só no verão os Tártaros do Levante traziam o gado para pastar ali.

- ❖ **BROCADO:** tecido de estofar com desenhos em relevo
- ❖ **ÂNFORA:** grande jarro com gargalo estreito e duas alças
- ❖ **MONGOL:** habitante da Mongólia, na Ásia
- ❖ **MUÇULMANO:** praticante do Islamismo, religião fundada por Maomé no século VII
- ❖ **CRUZADAS:** guerras religiosas, entre 1095 e 1269, de europeus contra muçulmanos
- ❖ **TÁRTAROS:** naturais da Tartária, região que hoje faz parte da Federação Russa

No inverno, o frio e a neve matavam os animais. De repente, Marco viu uma montanha descomunal ao longe.

— É o Monte Ararat — disse tio Mafeo. — Foi ali que a **ARCA DE NOÉ** encalhou depois do dilúvio.

— Sério?! — os olhos de Marco se arregalaram de encantamento.

O Monte Ararat tinha mais de cinco mil metros de altura. A base era tão grande que a caravana levou vários dias para contorná-la. Marco não tirava os olhos dos picos branquíssimos contra o céu azul. Quando a neve derretia, a água fertilizava o solo e fazia as plantas crescerem.

Ao chegarem à região de Mossul, Marco Polo teve outra surpresa.

— Que fonte mais esquisita. Parece um licor negro.

Ninguém entendia o fenômeno. Jorrava da terra um óleo escuro em tal abundância que Nicolo calculou que poderiam carregar com ele cem navios de uma vez. O curioso é que o líquido não servia para beber, e sim para queimar.

— Veja, pai, o que os homens estão fazendo! — mostrou Marco.

Os moradores formavam fila para recolher o óleo e untar seus camelos. O guia dos Polo explicou que a substância negra protegia os animais contra urticárias e furúnculos, por isso muitos vinham de longe para buscá-la.

— Nesta comarca todo mundo queima essa substância — contou ele.

Eu estava tão entretido que nem me mexia. Enrolado no cobertor, via *Marco século treze* andar de um lado a outro do meu quarto representando a cena. Passou pela minha cabeça: “Petróleo!” Tentei contar-lhe sobre essa descoberta do futuro, mas Marco não me ouviu, pois os curdos atacaram a caravana e começou a maior confusão.

— Proteja-se, meu filho! — gritou Nicolo, desembainhando a espada.

Os homens da escolta saltaram dos camelos, livraram os animais das mercadorias e as puseram no chão como **TRINCHEIRAS**. Todos prepararam as espadas, prontos para lutar. Marco Polo também tirou a sua, excitado e amedrontado, pois seria a primeira vez que iria usá-la.

- ❖ **ARCA DE NOÉ:** embarcação construída por Noé na qual, segundo a Bíblia, este se salvou do dilúvio com sua família e com animais que existiam na época
- ❖ **TRINCHEIRA:** vala, muro ou tapume que serve de proteção aos combatentes





— Cuidado! — berrou tio Mafeo, vendo a horda se aproximar.

Eram dezenas de gigantes barbudos e mal-encarados, de pele escura, armados com facas compridas, de pontas curvas. Viviam nas montanhas e tinham fama de maus, pois saqueavam os mercadores e os aprisionavam para vendê-los como escravos no mercado de Ormuz.

— Mas esses curdos falam um dialeto árabe! — observou Nicolo, quando o bandido que parecia o chefe desceu do cavalo e avançou para ele. — Significa que são tártaros! Mafeo, mostre-lhe as tábuas de ouro!

O tio de Marco Polo tirou do bolso quatro pequenas tábuas douradas com letras escritas em ouro. O bandido ficou pálido.

— Onde conseguiram isso? — perguntou, curvando-se.

— Vosso senhor Cublai-Cã foi quem nos deu em Pequim — disse Mafeo no idioma tártaro. — Ele deseja que nos tratem com cortesia e respeito.

Os bandidos fugiram. As placas eram uma espécie de passaporte com que Cublai presenteava as pessoas para que fossem bem-tratadas em seu reino.

Capítulo 3

HISTÓRIAS DE BAGDÁ

Bagdá impressionou Marco pela beleza e **OPULÊNCIA**. Era cortada pelo rio Eufrates, em cujas margens cresciam as palmeiras mais lindas do mundo. O mercado atraía caravanas de vários países em busca dos ricos brocados e sedas bordadas com fios de ouro, representando animais e pássaros. Para alegria de Marco, os irmãos Polo decidiram ficar algum tempo ali para negociar.

— Que gente exótica! — admirou-se o garoto, vendo as pessoas nas ruas.

Havia homens usando turbantes e calças largas, como bombachas, em cores berrantes. As mulheres traziam o rosto coberto por véus, deixando livres apenas os olhos grandes e formosos. Podiam-se reconhecer os indianos pela pele escura e as túnicas brancas. Os maometanos, pelos versos do Corão que recitavam em voz alta. Na alegre balbúrdia, jovens árabes perfuravam pérolas do Ceilão para fazer colares e um indiano oferecia enormes rubis vermelhos.

•◀ OPULÊNCIA: riqueza, fartura

— O que aquele homem está fazendo? — perguntou Marco ao tio Mafeo.

— É o encantador de serpentes. Veja como atrai a cobra com seu canto.

Pararam para observar a cena. Com o peito nu e um turbante branco na cabeça, o indiano soprava uma flauta, extraindo sons repetitivos e **HIPNÓTICOS**. Fascinada pela melodia, uma serpente erguia-se do chão e retorcia-se na frente da multidão, como se estivesse dançando. Todos aplaudiram.

No dia seguinte, Nicolo explicou seus planos ao filho:

— Seu tio e eu vamos comprar peças de marfim, ouro, prata, fardos de tecido e aves. Você pode andar à vontade, mas não se afaste do guia Rachid.

Rachid conhecia bem a cidade. Levou Marco ao palácio do Califa e contou-lhe uma história antiga. Dizia-se que o último **CALIFA** de Bagdá escondia um tesouro nas torres. Quando o exército mongol conquistou a cidade, o irmão de Cublai-Cã, Comandante Hugalú, chamou-o à sua presença e perguntou:

— Por que guardou tanta riqueza em vez de reparti-la entre os pobres do seu reino? Não sabia que eu era seu inimigo e estava chegando? Pois agora vai comer estes tesouros, já que os ama mais do que ao povo.

Hugalú-Cã trancou o califa na torre com as peças de ouro e prata, sem água nem comida. Alguns dias depois, o califa estava morto.

— Hugalú-Cã foi cruel — disse Marco. — Que horror!

— Que nada, ele mereceu — protestou Rachid. — Esses califas eram uns monstros de maldade. Ouça só o que um outro aprontou.

Contava-se que o tal califa era **SARRACENO**, odiava os cristãos e queria acabar com eles. Um dia, achou no Evangelho uma passagem que servia a seu propósito: “Se um cristão tem fé, suas orações podem fazer com que Deus junte duas montanhas.” O califa mandou chamar os cristãos do reino, apontou uma alta montanha e disse:

— Vocês têm dez dias para mudá-la de lugar, com a ajuda de Deus. Se não conseguirem, morrerão!

Os cristãos se reuniram com o bispo e rezaram dia e noite, mas sabiam que o milagre seria difícil de alcançar. No final do prazo, o bispo celebrou a missa no

- ◆ **HIPNÓTICO**: que produz sono e um estado de transe
- ◆ **CALIFA**: sucessor de Maomé como soberano temporal e espiritual dos muçulmanos
- ◆ **SARRACENO**: árabe, mourisco, muçulmano





sopé da montanha e deu a comunhão aos fiéis. Na véspera, um anjo lhe anunciara em sonho que um sapateiro da região os salvaria. Milhares de pessoas rodeavam a cruz que o bispo fincara no lugar. O califa e seus homens esperavam, prontos para a matança se a montanha não se movesse.

De repente, um sapateiro se ajoelhou diante da cruz e ergueu os braços para o céu, pedindo a clemência de Deus. Um estrondo terrível se ouviu. A terra começou a tremer violentamente. O califa caiu de joelhos, pasmo diante da cena. Seus ministros fizeram o mesmo. Desde aquele dia, ele se convertera secretamente ao cristianismo. Quando morreu, levava um crucifixo no peito.

— Hum, parece que houve um terremoto, não acha, Rachid? — comentou Marco, com incredulidade. — Mas que foi na hora certa, isso foi!

Quando Nicolo e Mafeo voltaram, o garoto repetiu-lhe as histórias que ouvira. O pai e o tio o abraçaram. Como eles, Marco estava se revelando um viajante apaixonado e curioso, que respeitava os costumes dos outros povos.

Dias depois, a caravana seguiu viagem, entrando no território da Pérsia. Em uma cidade próxima a Teerã, visitaram o túmulo dos três Reis Magos, que dali haviam partido, séculos antes, para adorar Jesus Cristo.

— Baltazar, Gaspar e Belchior — Marco leu os nomes na tabuleta sobre o sepulcro. — Os corpos estão intactos! Como é possível?

De fato, era inexplicável: deitados lado a lado, Baltazar, Gaspar e Belchior repousavam como se estivessem dormindo. Até as barbas e cabelos se mantinham em perfeito estado de conservação, desde a Antiguidade!

— Vamos pensar que é um milagre — disse Nicolo Polo ao filho.

Uma chuva forte caiu no dia seguinte. A caravana dos irmãos Polo passava na frente de um castelo situado no alto de uma colina. Suas paredes eram escuras e úmidas. Um velho de longas barbas brancas ofereceu-lhes abrigo. Marco sentiu receio de entrar, mas o pai e o tio aceitaram o oferecimento.

— Bem-vindos ao Castelo dos Adoradores do Fogo, meus filhos! — saudou-os o anfitrião, recebendo-os com cortesia.

No interior do castelo havia outros velhos iguais a ele, usando túnicas marrons com capuzes. “Será que pertencem a alguma seita?”, pensou Marco, desconfiado. Mas o calor ali dentro era tão agradável, em contraste com o frio de fora, que o garoto se deixou levar.

O salão para o qual os velhos conduziram os visitantes era espantoso. No centro crepitava uma fogueira que saía das entranhas da terra, como se as chamas brotassem do abismo. Ao redor do fogo debruçavam-se dezenas de velhos com

capuz, rezando uma infindável ladainha. Os Polo ficaram em silêncio, aquecendo-se. Marco perguntou baixinho:

— De onde vem esse fogo, pai? O que isso significa?

O velho porteiro fez um gesto, chamando-os para um canto do salão. E a história que contou deixou o garoto mais boquiaberto ainda:

— Quando os Reis Magos visitaram o Menino Jesus em Belém, levaram ouro, incenso e mirra. O Menino aceitou os presentes e ofereceu-lhes um cofre. Os reis o abriram; dentro havia uma pedra. O Menino lhes deu a pedra para que fossem firmes em sua fé. Eles não entenderam e jogaram a pedra em um poço. Quando ela atingiu o fundo, o fogo ardente baixou do céu e penetrou no poço. Aí os reis compreenderam que a pedra era um **TALISMÃ**. Desde então, o fogo continua a arder e nós o adoramos como se fosse um deus...

— Nossa! — exclamou Marco. — Só vendo para acreditar!

O temporal tinha passado. Os irmãos Polo agradeceram a hospitalidade e a caravana partiu. Perto do castelo havia magníficos cavalos à venda. Nicolo comprou alguns, pois os deles estavam cansados demais para prosseguir.

Capítulo 4

O VELHO DA MONTANHA E OS ASSASSINOS

Mudei de posição na cama porque meu pescoço começou a doer. Virei para a parede. A voz de *Marco século treze* era tão melodiosa que eu não precisava vê-lo, bastava ouvi-lo. “Quem sabe ele é o encantador de serpentes e me seduziu com sua flautinha”, pensei. Senti cheiro de fruta. Logo entendi: Marco comia uma tâmara, pois os Polo entravam numa parte do território da **PÉRSIA** abençoada pela natureza. Flores, frutas, pássaros, pedras preciosas como a turquesa, minas de ferro e **ÔNIX**, tudo isso numa planície magnífica, onde fazia calor e soprava um vento quente.

— Nicolo, Marco! — chamou tio Mafeo. — Vamos parar ali.

- ❖ **TALISMÃ**: objeto a que se atribui um poder sobrenatural
- ❖ **PÉRSIA**: país da Ásia cujo nome foi mudado para Irã em 1935
- ❖ **ÔNIX**: pedra tipo ágata com camadas de diferentes cores





A cena era encantadora: sentadas sob a sombra das árvores, mulheres e meninas bordavam brocados de seda de todas as cores, formando pássaros e flores, em pontos perfeitos e minúsculos. Os Polo compraram almofadas e cobertas de cama para vender no caminho.

Seguiram pela planície, passando por castelos e vilas. Marco matutava por que as casas seriam protegidas por altas muralhas se a região parecia tão pacífica. Os animais o surpreendiam: os bois eram enormes, de pelo branco e com uma corcunda no lombo, como os camelos. Aguentavam cargas pesadíssimas. E havia carneiros tão grandes e gordos que pareciam burros.

Am tão distraídos que ninguém entendeu o que aconteceu: de repente, o céu escureceu, o dia virou noite e uma poeira densa e negra baixou sobre a caravana. Ouviram um tropel de cavalos assustador. O que era aquilo? Em segundos estavam cercados por bandidos de pele negra e feições de cão.

— Cuidado! — gritou Rachid. — São os caroanas, ladrões perigosíssimos!

Os homens com rosto de cão avançaram ferozmente sobre a caravana. Cavalgavam tão juntos que pareciam formar um único corpo. Nicolo, Mafeo, Rachid e a escolta se defendiam como podiam na escuridão, desferindo golpes de espada **A ESMO**. Nicolo gritava:

— Marco, meu filho, onde você está?

Quando a nuvem negra se dissipou, ele viu que Marco havia sido arrancado do cavalo e amarrado com cordas. Conhecendo os costumes dos caroanas e temendo que Nicolo fizesse alguma bobagem que colocasse a vida de todos em risco, Rachid ofereceu-se como intermediário da negociação:

— Os caroanas desejam um resgate pelo bambino, senhor Polo.

— Um resgate?! Pagaremos o que quiserem. Soltem meu filho já!

Os homens com rosto de cão fixaram uma quantia em mercadorias. E lá se foram as lindas almofadas e colchas compradas havia pouco, além de peças de marfim e prata de Bagdá! Nicolo e Mafeo as entregaram de bom grado, aliviados. Nada valia tanto como a vida de Marco.

— Você está bem, meu filho? Não foi ferido? — o pai não se cansava de examiná-lo dos pés à cabeça.

Marco sentia os olhos arderem, talvez por efeito da poeira, mas estava inteiro. Inteiro, mas humilhado. Não se conformava por ter sido dominado tão facilmente.

•◀ A ESMO: ao acaso, à toa

O que era a nuvem escura que quase os cegara? De onde tinham surgido os homens com rosto de cão? Rachid explicou o que sabia:

— Os caroanas vivem nos bosques. Eles se aproveitam de um fenômeno atmosférico para atacar os viajantes: em certa época do ano, o ar seco produz essa névoa escura. Pertencem a uma tribo antiga, que descende de tártaros com animais. Sorte não terem nos matado! São cruéis com os mercadores.

Depois do susto, a chegada a Ormuz foi um **BÁLSAMO**. Rios, palmeiras e pássaros precediam a visão das praias que banhavam a cidade. No porto, os mercadores que chegavam da Índia atracavam as galeras carregadas de pedras, pérolas, brocados de ouro e seda, dentes de elefante e outras preciosidades.

— Os habitantes são negros? — estranhou Marco Polo.

— Sim — confirmou Rachid. — E adoram o profeta Maomé.

Era uma gente estranha. Sua comida favorita era peixe. A bebida, um vinho feito de tâmaras e especiarias, tão saboroso quanto traiçoeiro: quem tomava um gole logo ficava embriagado. A caravana passou em frente a uma casa onde homens, mulheres e crianças choravam de fazer dó. Rachid contou que, quando morria alguém da família, era costume em Ormuz os parentes e vizinhos prantear o defunto por quatro semanas, todos os dias, sempre na mesma hora. “Lágrimas com hora marcada”, pensou Marco.

Por falar nisso, seus olhos lacrimejavam. O ardor que sentia desde o ataque dos caroanas não havia melhorado. Nem o mergulho nas águas geladas de um rio aliviou o incômodo. O guia ofereceu-lhe um remédio eficiente.

— O nome dele é *atutia*. É feito de terra pelos moradores de Cobina, uma cidade perto daqui. Vamos passar por ela amanhã.

— Um remédio de terra?! — horrorizou-se Marco. — Não quero!

Em Cobina, porém, mudou de ideia. Seus olhos ardiam tanto que quis experimentar o **UNGUENTO**. A terra ali era rica em cobre e zinco. Fabricava-se latão na região. Para fazer o medicamento, um punhado de terra era colocado no forno quente e coberto com uma vasilha de ferro. A umidade que aderiu à vasilha formava a *atutia*, a substância que curava.

— O remédio é milagroso mesmo! — suspirou Marco, aliviado.

Ainda bem que seus olhos sararam, pois atravessaram um deserto onde o vento jogava areia no rosto dos viajantes. Oito dias depois, chegaram a uma

❖ **BÁLSAMO**: alívio, consolo

❖ **UNGUENTO**: preparado medicinal para uso externo; pomada





provincia onde havia árvores chamadas plátanos e o povo contava histórias terríveis: diziam que ali tinham vivido — até Hugalú dar cabo deles — o Velho da Montanha e os assassinos. Marco ficou chocado com o que ouviu.

O Velho, chamado Aladino, construiu um jardim maravilhoso, igual ao paraíso descrito por Maomé. Para lá atraía rapazes valentes, sedando-os com bebidas. Quando acordavam, os jovens pensavam estar no céu: havia moças lindas, comidas finas, música divina. Aí o Velho os mandava matar pessoas do vilarejo com a promessa de ganharem a vida eterna no paraíso.

— Assim, durante anos, foram assassinados barões e reis — contou um homem. — Até que Hugalú, senhor dos tártaros, **SITIOU** o castelo. O cerco durou três anos. Acabou porque o Velho e seus assassinos ficaram sem mantimentos e tiveram de se render.

— Que história de arrepiar! — exclamou Marco, pondo-se no lugar dos jovens e imaginando o que faria se fosse sedado por um doido como Aladino. — Juro que não cairia na conversa dele!

Até eu, ouvindo aquilo, fiquei arrepiado. Senti frio. Puxei o cobertor até as orelhas e comecei a tremer. *Marco século treze* fez uma pausa e sentou numa almofada. Parecia exausto. Não era para menos: tinha escapado dos caroanas, atravessado o deserto, conhecido o castelo dos assassinos... Sem falar naquela terrível dor nos olhos.

Minha mãe entrou no quarto. “Está tremendo de febre!”, ela disse, dando o antibiótico pra eu tomar. Lembrei-me do remédio de terra que curou os olhos de Marco Polo, porque no vidro estava escrito: “*terramicina*”.

Capítulo 5

CHEGADA AO REINO DE CUBLAI-CÃ

Depois que a minha mãe saiu, *Marco século treze* voltou para perto da cama. Olhou o vidro de remédio e disse, preocupado:

— Está melhor, *Marco século vinte e um*? Posso continuar?

Fiz que sim com a cabeça e fechei os olhos. Ele recomeçou a falar.

•❖ SITIAR: cercar

Estavam na cidade de Lop, já nas terras do Grã-Cã. Mas, para chegar ao palácio de verão, tinha chão pela frente! Quer dizer: tinha areia, pois era preciso atravessar um deserto tão grande que se poderia andar nele durante um ano. A caravana abasteceu-se de víveres e cruzou o deserto de Gobi pela parte mais estreita. Passou um mês entre as dunas de areia, bebendo água amarga (quando achavam), sem ver um pássaro, sem encontrar ninguém...

Uma noite, enquanto dormiam, Marco levantou para fazer pipi e olhar as estrelas. Andou um pouco. Quando quis voltar, só viu céu e areia. Onde estava a caravana? Para que lado deveria ir? De repente, ouviu vozes chamando seu nome: “Mar-co! Mar-co! Mar-co!” Pareciam bem próximas. Andou na direção de onde vinham. Nada. Ninguém. “Mar-co! Mar-co!”, escutou de novo. Vinham do lado oposto agora. Esperançoso, caminhou para lá. Tampouco havia alguém ali. Só na manhã seguinte Nicolo e Mafeo o encontraram, perdido e apavorado, sentado numa duna de areia.

— Nunca mais saia de perto, ouviu? — ralhou o pai. — Você não sabe que os espíritos do deserto fazem isso para confundir o viajante? Às vezes, até tocam tambores. Muitos já se perderam e morreram desse jeito...

“Espera aí, seu Milhão!”, pensei. “Isso é miragem, ilusão de acústica e de óptica.” Mas deixei pra lá. Vai ver, no século XIII, ainda não conheciam esses fenômenos...

No Tibete, visitaram templos e mosteiros. Marco se surpreendeu com a quantidade de **ÍDOLOS** que o povo adorava e com os sacrifícios que ofereciam a eles. As famílias viviam da agricultura. Se nascia um menino, o pai engordava um carneiro e o levava ao templo. Fazia isso com respeito, pois achava que o ídolo protegeria a criança se gostasse do presente. Depois, todos comiam a carne numa festança.

— Que fumaça é aquela? Será um incêndio? — perguntou Marco.

— Que nada, estão **INCINERANDO** um morto — explicou Rachid. — Para isso construíram a casinha de madeira. Vamos assistir à cerimônia?

Em vez de enterrar o cadáver, os budistas o queimavam? Marco nunca ouvira falar nisso antes. Os parentes do defunto cobriram a casinha com sedas e cortaram papéis em forma de figuras humanas, carneiros, cavalos e moedas para serem queimados com o morto. Rachid justificou:

◆ **ÍDOLOS:** deuses

◆ **INCINERAR:** queimar





— Acreditam que, no outro mundo, ele terá todas essas riquezas.

A cada dia, a caravana se aproximava mais do seu destino. Ao deixarem para trás Caracorum, antiga capital dos mongóis, Nicolo emparelhou o cavalo com o de Marco e não parou de falar: queria que o filho soubesse tudo sobre os Tártaros do Levante para não dar vexame quando estivessem na corte de Cublai-Cã.

— Está vendo esta planície, filho? Foi aqui que tudo começou.

Caracorum estava cercada por pastos excelentes e rios caudalosos. No ano de 1187 da era cristã, o povo simples do lugar elegeu como rei um pastor chamado Gêngis, homem bom, valente e querido por todos. Gêngis-Cã governou com justiça e sabedoria. Aos poucos, foi ampliando seus domínios e conquistando outras províncias. Era um grande guerreiro.

— Gêngis não matava os vencidos, tratava-os com a maior clemência — disse Nicolo, com admiração. — Muitos povos se submetiam voluntariamente.

Nicolo explicou ainda que Cublai era neto de Gêngis e tão justo quanto ele. Nicolo tinha fascínio pelo exército mongol, que considerava **IMBATÍVEL**.

— São guerreiros valentes e disciplinados. Lutam com arco e espada. No manejo do arco, não há quem os supere. Se estão em campanha, os homens aguentam um mês sem comer. Alimentam-se de leite de égua e do sangue dos cavalos, que picam e chupam sem desmontar. Cavalgam dez dias sem dormir. Os animais comem o que houver, não precisam de palha. A organização das tropas é incrível: cada dez cavaleiros têm um chefe; assim, quando um senhor tártaro vai à guerra, pode levar cem mil homens reunindo apenas dez generais.

Tio Mafeo interrompeu o irmão e completou:

— Os tártaros têm táticas de guerra geniais. Às vezes, fingem fugir, voltam e assaltam o inimigo. Quando este pensa que estão vencidos, é ele próprio que está perdido. Os cavalos tártaros são treinados e se atiram contra os adversários como se fossem cães.

Às vezes, pai e tio faziam uma pausa para mostrar as riquezas das terras por onde passavam. Marco viu bois selvagens, faisões grandes como pavões, vales verdejantes de milho e cereais, pedras azuis chamadas lápis-lazuli e um animalzinho do tamanho de um gato, com pescoço de gazela e quatro dentes, que chamou sua atenção.

— É dele que se extrai o almíscar, líquido que tem um cheiro delicioso e com o qual se fazem perfumes — explicou Nicolo. — O bichinho traz o

•◀ **IMBATÍVEL:** invencível.

almíscar numa pequena bolsa na barriga, perto do umbigo, entre o couro e a carne.

Ao chegarem à cidade de Changanor, a preferida do Grã-Cã para caçar, a caravana teve uma feliz surpresa. Sabendo que os viajantes estavam perto, Cublai enviou uma comitiva montada em elefantes para acompanhar os Polo ao palácio de verão. Marco trocou o cavalo pelo paquiderme e foi do alto do seu lombo que avistou o palácio mais fantástico do mundo.

— Nossa! Parece o paraíso! — exclamou.

Fontes, rios e prados cercavam a construção feita com vigas de ouro e decorada com aves e pássaros dourados. Cublai gostava tanto de bichos que juntou veados, corças, gamos, éguas brancas e até um leopardo domesticado. Havia um pavilhão especial para caça.

— Espere só para ver o palácio de Pequim — disse Nicolo. — É ainda mais deslumbrante. Cublai-Cã passa três meses por ano aqui: junho, julho e agosto. É uma região fresca e boa para caçar. Vamos tirar a poeira da viagem, nos lavar e nos vestir dignamente para ir ao encontro dele.

Trajes luxuosíssimos estavam à disposição dos Polo nos aposentos. Marco escolheu um de veludo azul, que lhe caiu como uma luva.

— Virou um homem, meu filho! — aprovou o pai, orgulhoso.

— Pudera, levamos três anos e meio viajando! Já completei vinte anos!

Por mais que Marco estivesse preparado, seu impacto diante do Palácio de Pequim foi tanto que perdeu a voz. Não era um palácio: era uma cidade! Atrás de uma muralha na forma de quadrado havia palácios em cada esquina destinados a diferentes fins: para guardar os arreios, as armas, os **PALANQUINS**... Conforme passavam pelos muros, viram lagos com peixes, prados com árvores e animais raros, um terraço no alto de uma colina e até um rio que cortava o parque. O palácio principal era de **ALABASTRO** e ônix, de altura descomunal, com a fachada pintada de vermelho e azul numa espécie de verniz que brilhava como cristal. As paredes, revestidas de ouro e prata, eram decoradas com pinturas de dragões, pássaros e cavaleiros. No salão da entrada cabiam seis mil pessoas. Só a guarda pessoal de Cublai tinha doze mil cavaleiros!

❖ **PALANQUIM:** tipo de liteira, semelhante a uma cadeira, para carregar os nobres.

❖ **ALABASTRO:** pedra quase transparente, parecida com mármore.





Capítulo 6

A SERVIÇO DO IMPERADOR MONGOL

Marco recuperou a fala ao observar um fato interessante:

— Por que todos estão vestidos de branco, pai?

— Hoje é a festa branca, que acontece no primeiro dia do ano. Para os tártaros, o ano começa em fevereiro. O branco simboliza alegria e bem-estar. Tivemos sorte de chegar nesta data, filho. Os festejos serão extraordinários!

Reis, duques, marqueses, condes, cavaleiros, médicos, astrólogos, oficiais e comandantes de terra e de mar chegavam para honrar o imperador. Os primeiros a se aproximar dele foram os membros da linhagem real: e eram muitos! Cublai-Cã tinha quatro esposas legítimas, que lhe deram vinte e dois filhos homens. Além de vinte e cinco rapazes nascidos das concubinas. E os netos, sobrinhos, filhas mulheres...

Marco observou o imperador no fundo do majestoso salão, sentado em um trono de marfim trabalhado. Era uma bela figura, de estatura mediana, ágil, forte, com o olhar sereno nos traços mongólicos. Usava um traje de seda dourado e um turbante bordado com pérolas. Vendo os venezianos na fila de cumprimentos, Cublai fez sinal ao mestre de cerimônia para apresentá-los:

— Sejam bem-vindos, senhores Nicolo e Mafeo Polo!

Os irmãos se curvaram diante do soberano. Marco fez o mesmo. Em seguida, depositou aos seus pés a ânfora com o azeite do Santo Sepulcro.

— Obrigado, amigos. Quem é este rapaz simpático?

— Meu filho e seu criado — disse Nicolo.

— Vim para servi-lo, senhor. Meu nome é Marco Polo.

Cublai-Cã convidou-os para assistir ao cerimonial junto dele. Durante toda a manhã as comitivas se sucederam, trazendo presentes valiosos: baixelas riquíssimas, arreios esplêndidos, cavalos brancos. Depois passaram à sala de refeições, cuja fartura deixou Marco boquiaberto. Havia ali três mil pessoas, sentadas em grandes mesas, em um plano inferior ao da mesa do imperador. Sua primeira esposa sentava-se à esquerda, com os filhos e netos. As demais famílias, na sequência.

Como distinção especial, os Polo foram colocados à direita de Cublai, também em um plano mais baixo. De um tonel de ouro copeiros tiraram o vinho, servido em taças douradas. Ninguém tocou no copo antes de Cublai beber. Os criados que serviam as mesas tinham o nariz e a boca tapados com panos de seda e ouro, para que o bafo não alterasse as comidas do imperador.

Só no final do dia os Polo tiveram uma audiência particular com Cublai. Nicolo falou-lhe sobre a morte do papa e os esforços do novo pontífice para enviar missionários cristãos a Pequim. Tinham sabido, durante a viagem, que o novo papa — eleito depois que partiram — recebera a mensagem e mandara os padres, mas estes foram detidos por uma guerra e retornaram a Roma.

— Já que fizeram esta longa viagem, sintam-se em casa e aproveitem a estada — disse o imperador, com simpatia. — Gostei do seu filho, Nicolo. Parece esperto e inteligente. Quero que aprenda o idioma tártaro. Quem sabe ele poderá me ajudar nos negócios.

— Será uma honra para Marco, senhor. Ele tem facilidade para línguas.

Nos meses seguintes, Marco se dedicou com afinco ao estudo da língua tártara até dominá-la perfeitamente. Cublai o chamava sempre à sua presença: agradava-o o interesse do rapaz por geografia e gostava de ouvir as descrições detalhadas que ele fazia de cada lugar que visitava. E Marco viu muita coisa!

Começou por esquadrihar Pequim, bela cidade com um ativo comércio de pedras preciosas, pérolas, joias, graças aos hóspedes ilustres que vinham ter à corte do Grã-Cã. O que mais impressionou Marco foi a Casa da Moeda, que não **CUNHAVA** só moedas como na Europa, mas dinheiro no formato de notas.

— Tiras de papéis de vários tamanhos, cada uma com um valor. O Cã as manda fabricar em grande quantidade e as reparte entre as províncias. Tudo se pode comprar com esses pedaços de papel, tio Mafeo!

— Bem mais prático que as moedas pesadas que usamos, Marco.

— Os papéis têm o selo do Grã-Cã. Quando ficam velhos ou sujos, são trocados por outros. Não é fantástico? — entusiasmou-se o rapaz.

Enquanto o pai e o tio comerciavam, Marco conhecia o funcionamento do reino. Outra coisa incrível era o correio! Uma rede de **ESTAFETAS** percorria as províncias por estradas bem-cuidadas, onde havia postos e albergues próximos um do outro. Uma notícia que levaria dez dias para chegar à capital era recebida por Cublai em vinte e quatro horas, pois os estafetas se revezavam, viajando em cavalos velozes como o vento.

O Grã-Cã se preocupava com o bem-estar das pessoas: mandava plantar árvores nas estradas para dar sombra a mercadores, peregrinos e agentes do

- ◆ **CUNHAR**: imprimir a moeda com uma peça de ferro gravada e temperada
- ◆ **ESTAFETA**: agente de correio que andava a cavalo, levando encomendas.





correio. Seus emissários iam às províncias e o informavam sobre as colheitas. Se um lavrador era prejudicado pelo **GRANIZO**, geada ou praga, dispensava-o dos impostos e lhe fornecia sementes. Também oferecia animais novos aos camponeses que perdiam o gado por doenças.

Quando a colheita era abundante, Cublai mandava encher os celeiros de grãos para ser usados nos próximos anos. A armazenagem também servia para regular o mercado. Se o trigo faltava ou subia de preço, o Grã-Cã tirava-o dos celeiros e o oferecia à população por valor menor. O imperador não queria ver seus súditos sofrerem ou passarem fome. Distribuía alimentos às famílias carentes, e quem o procurava no palácio com um pedido nunca saía de mãos vazias.

Eu estava impressionado com o que *Marco século treze* me dizia.
 — Um rei como esse só podia ser amado pelo povo! — comentei.
 — Como um deus, bambino. Agora falarei das pedras que queimam.

Marco século treze não gostava de ser interrompido. Contou sobre as pedras negras que eram queimadas como madeira e produziam fogo intenso e resistente. Não havia aquilo na Europa. Deduzi: “Carvão, seu bobo”. Mas ele tinha mudado para um assunto que o deixava babando.

— Até que um dia, *Marco século vinte e um*, Cublai-Cã me tomou a seu serviço. Nomeou-me embaixador em terras do Poente. Olha a honra!

— Nesse cargo você fazia o quê?

— Viajava pelas províncias do Poente e também pelas do Meio-Dia para tratar dos negócios do Cã. Na volta, fazia relatórios de tudo o que havia visto e ouvido. Gornei a cidade de langiu por três anos.

Deve ser por isso que Marco escreveu (ops! ditou) o livro. Lembrando dos relatórios. Como conseguiu guardar tanta coisa na cabeça?

Em Taifu, Marco viu as fábricas de armaduras para o exército e criações de **BICHO-DA-SEDA**. Em Arbalec, gengibre e extração de almíscar. Voltou ao Tibete e viu outro costume chocante: quanto mais a garota namorava, mais era disputada para casar. Cada namorado dava uma pedra para ela colocar no colar. As que

- ❖ **GRANIZO**: chuva de pedras de gelo
- ❖ **BICHO-DA-SEDA**: lagarta cuja larva forma um casulo conhecido como seda natural

possuíam os maiores colares casavam primeiro. Os pretendentes não queriam esposas inexperientes. Cada uma!

O mercado de Bengala era bem agitado. O produto mais procurado por mercadores eram os **EUNUCOS**, vendidos aos nobres de outras terras, que os queriam nas cortes. Marco passou maus bocados em Cingui, a província dos leões. Ao descer o rio de barco, quase foi devorado por eles. Havia tantos leões que, se o comandante bobeasse e navegasse perto da margem, as feras saltavam para dentro do barco e comiam até os tripulantes. Ai, Milhão!

— E você não cansava dessa vida errante, *Marco século treze?*

— No início, não. Mas, quando percebi, tinham se passado anos e anos. Um dia, comecei a sentir saudades de Veneza. Meu pai e tio Mafeo também.

Capítulo 7

MISTÉRIOS DA ÍNDIA

Os irmãos Polo tinham envelhecido, assim como Cublai-Cã. Além de sentir falta da sua terra, Nicolo e Mafeo preocupavam-se com o futuro. O que seria deles naquele país exótico quando o soberano morresse? Queriam voltar a Veneza, mas o imperador mongol não permitia. Tinha se afeiçoado de tal modo a Marco que não podia passar sem ele. Marco era seu braço direito. Mal regressava de uma missão diplomática, Cublai o mandava para outra. Tinha estado há pouco no Ceilão. Agora, acabava de chegar do Vietnã.

— Creio que surgiu um bom pretexto para Cublai permitir nossa partida, pai — disse Marco um dia. — Escutem só meus planos.

Estava na corte um embaixador persa que viera tratar de um assunto de família. Arghum, neto de Hugalú e soberano mongol da Pérsia, tinha ficado viúvo. Queria se casar novamente, mas a noiva devia pertencer à mesma tribo da falecida. Uma tribo famosa pelas mulheres belíssimas. Arghum pedia ao seu tio-avô Cublai que encontrasse e enviasse uma nova esposa para ele.

— Não entendo o que isso tem que ver conosco, filho.

— A noiva já foi escolhida. É a princesa Cogatim. Mas a viagem por terra será impossível. Há guerras no caminho. Poderíamos escoltar a princesa Cogatim

◆ **EUNUCO:** homem castrado que, no Oriente, era guardião das mulheres no harém





numa viagem marítima até a Pérsia e entregá-la a Arghum. Somos navegadores experientes, não é? E homens de confiança de Cublai. Penso em propor isso a ele, pai. Depois de cumprir a missão, iremos para casa.

— Voltar por mar? Fala sério? Está querendo o quê, filho?

Marco sorriu. Nicolo o conhecia muito bem.

— É verdade. Antes de voltar para casa, vamos conhecer a Índia.

— Eu sabia que por trás desse pretexto havia uma nova aventura!

Cublai **RELUTOU** um pouco em aceitar a ideia, mas acabou concordando. A princesa Cogatim ficou radiante. Confiava nos venezianos e simpatizava com eles. Três navios para seiscentas pessoas foram preparados e equipados com alimentos suficientes para dois anos. Antes do embarque, Cublai entregou a Marco, Nicolo e Mafeo quatro placas de ouro, com letras escritas também em ouro, iguais às de anos atrás. Eram passaportes para que fossem servidos em qualquer parte do reino com as honras devidas ao imperador.

— Estes catorze **JUNCOS** vão acompanhá-los até a saída do porto — disse o soberano, despedindo-se. — Bons ventos os levem, amigos!

Em 1291, a frota deixou o porto de Zaitun, no sul da China. Três meses depois, uma curiosa ilha chamou a atenção dos navegadores. Desceram para conhecê-la. Ali não havia mercadores, apesar da fatura de ouro. Os habitantes eram brancos e bonitos, tinham olhos puxados e adoravam seus deuses em templos magníficos. Nenhum estrangeiro pisara no interior da ilha. Uma pena, pois havia riquezas incalculáveis: pérolas cor-de-rosa, redondas e grossas, mais valiosas que as brancas, e uma variedade incrível de pedras preciosas.

— Japão! Nem sabia que este lugar existia... — disse Marco Polo.

A próxima parada foi em Java. Ao saber que ali havia **PIGMEUS**, Cogatim quis desembarcar. Os Polo temiam pela sua segurança, mas a princesa dobrou-os com um lindo sorriso:

— Vocês são fortes e corajosos. Perto dos três, não corro riscos.

Madeiras nobres como o aloé eram abundantes na ilha. Onde estariam os tais pigmeus? Um animal exótico assustou Cogatim. Era grande como um elefante,

- ◆ **RELUTAR:** oferecer resistência, opor-se
- ◆ **JUNCO:** barco feito com uma planta de caule cilíndrico, oco, delgado e flexível
- ◆ **PIGMEUS:** homens de estatura muito pequena

com pelo e patas como os dos búfalos e um chifre grosso no meio da testa. A cabeça parecia com a dos porcos selvagens. Feio como o quê.

— Socorro, ele vem em nossa direção! — gritou a princesinha.

Os Polo riram: o animal, cujo nome era rinoceronte, corria no sentido contrário, para as matas. Viram cisnes e gaviões negros. De repente, toparam debaixo dos coqueiros com caixões pequeninos. Dentro havia seres horrendos. Pequenos homens mumificados, com a barba rala, negros e enrugadíssimos.

— Não são pigmeus, são macaquinhos! — descobriu Marco, examinando as criaturas. — Os indígenas arrancam seu pelo, curtem sua pele com cânfora e os vendem como se fossem humanos. De fato, são bem-parecidos.

Perto de Sumatra, uma terrível tempestade avariou as embarcações e vários tripulantes perderam a vida. Foi preciso descerem à terra para consertar os navios. Acabaram ficando cinco meses. Construíram uma casa de madeira e não desgrudavam de Cogatim um minuto, temendo o povo bestial da terra, que tinha fama de comer carne humana. Alimentavam-se de cocos e peixes, muito saborosos. Não havia trigo para fazer pão, mas o arroz era ótimo.

— Ao mar, outra vez! — disse finalmente Nicolo Polo.

Já não era sem tempo. A viagem se prolongava mais que o previsto. Foi com emoção que Marco conferiu nas cartas náuticas que estavam no rumo certo para a Índia. No extremo sul desse país lendário havia uma formosa ilha, Ceilão, onde Marco já havia estado a serviço do rei. Seus habitantes andavam nus, comiam arroz e extraíam óleo de sementes de gergelim. Pedras preciosas havia aos montes, de todo tipo: safiras, topázios, ametistas, ágatas e os mais lindos rubis do mundo. O rei do Ceilão possuía um rubi imenso e perfeito, que Cublai-Cã desejava para si. Mas, na ocasião, Marco não conseguiu comprá-lo.

— Ele herdou o rubi de seus antepassados e não quis vendê-lo por preço nenhum — contou ao pai e ao tio. — Daquela vez, não deu tempo de ir ver o túmulo de Buda. Vamos até lá agora?

Nicolo e Mafeo estavam aflitos para seguir viagem, mas Marco não fez caso de seus protestos. Não sairia do Ceilão sem conhecer o lugar sagrado.

Subiram a uma alta montanha, entre rochas e precipícios. Ali repousava Sidarta Gautama, o Buda Sáquia Muni, a maior divindade dos budistas. Fora criado pelo pai como príncipe e poupado das dores humanas. Um dia, saiu do palácio e viu com seus próprios olhos que existiam doenças, miséria, morte. O Buda desistiu de ser rei e recolheu-se às montanhas, tornando-se iluminado.





— Próxima parada: Índia! — anunciou Marco Polo.

Coromandel, no sudoeste da Índia, os prendeu por mais alguns dias. Cogatim queria comprar as famosas pérolas do lugar. Marco foi negociar.

O reino das pérolas era fascinante! Marco entrou num barquinho com os pescadores e navegaram até os recifes, onde ficavam os **VIVEIROS**. Inúmeros homens trabalhavam na coleta. Um deles tinha uma função singular.

— É o encantador de peixes — explicou um pescador. — Mergulha com o grupo e encanta os tubarões para que não se aproximem da área de coleta.

Os moradores dali também andavam nus, inclusive o rei, que, em vez de roupas, cobria-se com colares e braceletes de ouro, pérolas e pedras preciosas.

— É verdade que também existem encantadores de pássaros? — quis saber Cogatim, quando voltaram a navegar.

Marco confirmou: os brâmanes podiam encantar qualquer animal.

Navegavam pelo Oceano Índico, rumo a Ormuz, na Pérsia. Talvez tivessem se afastado da rota, pois, de repente, Nicolo avistou uma grande ilha que, nas cartas náuticas, situava-se próxima à costa da África: Madagáscar.

— Como é possível? — estranhou Marco. — Já que chegamos até aqui, vamos fazer outra parada. Eu sempre quis conhecer Madagáscar.

Valeu a pena, pois assistiram a um incrível espetáculo: o voo do pássaro Roca. Maior que uma águia e muito mais forte, o estranho **GRIFO** ergueu do chão um elefante com suas garras e alçou voo. Do alto, soltou-o e deixou-o espatifar-se no solo. Então, desceu e saciou-se com a carne do paquiderme.

Capítulo 8

DE VOLTA A VENEZA

Nicolo e Mafeo Polo sentiam-se exaustos e preocupados. As paradas tinham atrasado excessivamente a viagem. Estavam navegando havia dezoito meses no Mar da Índia, e nada de chegar! O espírito aventureiro de Marco não era o único responsável pelo atraso. Tinham enfrentado fortes tempestades e perdido a maior parte dos marinheiros. Os mantimentos estavam acabando. Conseguiriam cumprir a missão de entregar Cogatim na Pérsia?

- ◆ **VIVEIRO:** local preparado para criação e reprodução de animais
- ◆ **GRIFO:** ave que tem as penas dos pés eriçadas

Com a convivência, a princesinha e suas damas de companhia adotaram os Polo como verdadeiros pais. Obedeciam-nos cegamente, sem discutir suas ordens. Por isso, acataram o pedido feito por Nicolo e Mafeo.

— Teremos de racionar os alimentos. Já estamos há mais de três anos no mar. Se ainda temos comida é porque morreram muitos homens.

Os últimos meses foram de **PENÚRIA** e angústia. Quando, finalmente, os navios aportaram na Pérsia, apenas dezoito dos seiscentos homens embarcados na China continuavam vivos. Ainda assim, os Polo se orgulharam de seu feito: a princesa Cogatim e suas amas seriam entregues ao rei Arghum.

— Não souberam das más notícias? Muita coisa aconteceu — informou o emissário real que os esperava. — Cublai-Cã faleceu. Também o **INFORTUNADO** rei Arghum, com quem a princesa iria se casar, está morto.

Cogatim quase desmaiou. O que seria dela? Tinha feito a viagem por nada, então? As lágrimas assomaram aos olhos de Nicolo, Mafeo e Marco ao saber da morte do Grã-Cã. Ainda bem que estavam a caminho de casa! Tinham saído da China no momento certo.

O emissário tranquilizou a noiva real:

— O casamento continua contratado. Só que o noivo será Gazan, filho de Arghum. Ele... bem... é muito mais jovem que o pai.

Ao conhecer Gazan, Cogatim teve uma ótima surpresa. Era bonito e simpático. Ele assumira o trono no lugar do rei e as bodas foram marcadas para breve. Atendendo às súplicas da princesa, os Polo esperaram a festa de casamento. Mesmo casada, a rainha Cogatim não queria que eles partissem. Tinha se afeiçoado tanto aos venezianos que os segurou na Pérsia o quanto pôde. Quando eles se despediram, ela chorou amargamente.

— A estima da rainha é prova da bravura de vocês — agradeceu Gazan. — Trouxeram-na em segurança de terras remotas. Terão minha eterna gratidão.

Dizendo isso, o rei presenteou-os com uma placa de prata com o selo da casa real da Pérsia, que lhes garantia uma escolta de cem homens na longa jornada de volta. Foram necessários cem camelos para carregar as mercadorias que os Polo traziam do Oriente: joias, pérolas, pedras preciosas, peças de marfim, sedas, brocados, perfumes, porcelanas chinesas, especiarias da Índia.

— Tudo correu bem e voltamos ricos! — disse Marco Polo, feliz.

◆ **PENÚRIA**: privação, miséria extrema

◆ **INFORTUNADO**: infeliz, desgraçado





A caravana partiu para a cidade de Trebizonda, em território turco, e de lá para Constantinopla. Nicolo, Mafeo e Marco cavalgavam loucamente para vencer as distâncias o mais rápido possível. Marco temia que o esforço fosse excessivo para o pai e o tio. Afinal, ninguém ali era menino. Tinham ficado na China dezesseis anos. Marco completara 41.

Ele não conhecia a casa de comércio da família em Constantinopla, pois na ida tinham tomado outro caminho. Nicolo e Mafeo a localizaram com facilidade. Lembavam-se até do gerente que tomava conta dos negócios. O homem que veio recebê-los, porém, era outro, mais jovem.

— O que desejam, cavalheiros? Posso ajudá-los?

— Somos Nicolo e Mafeo Polo, donos deste estabelecimento. Partimos há mais de vinte anos. Quem é você? O que faz aqui?

O rapaz não acreditou no que os viajantes diziam. herdara a direção da casa comercial de seu pai, já falecido. Sabia que pertencia aos irmãos Polo, mas aos julgava mortos há tanto tempo que só viu um jeito de esclarecer:

— Mostrem-me seus documentos, por favor.

Nicolo e Mafeo tiraram os papéis dos bolsos empoeirados. O gerente se desfez em desculpas ao constatar a verdade. Eram mesmo os Polo!

— Oh, senhores, sejam bem-vindos, louvado seja Deus! Como eu podia supor que sobreviveriam a tão longa jornada? Entrem, a casa é de vocês...

— Obrigado por cuidar tão bem dela nestes anos — disseram eles.

Tudo o que Marco, o pai e o tio desejavam era chegar logo a Veneza. Rever as gôndolas, os canais, os **ESTALEIROS**, a casa da família... Por sorte, havia muitas galeras navegando entre Constantinopla e Veneza. Pediram ao gerente para providenciar as passagens o quanto antes.

Ao desembarcar no porto, em Veneza, os Polo pegaram a gôndola para a Praça de São Marcos. Dali caminharam pela ruelas da cidade, espremidas entre canais. Os três homens se emocionaram ao se sentir em casa. Lágrimas escorriam por suas faces quando bateram à porta da antiga mansão. Haveria algum parente vivo, depois de 24 anos? Os criados ainda seriam os mesmos? Um jovem veio atendê-los.

— Quem são vocês? O que desejam? — perguntou.

Souberam que era o único membro que restava da família: um primo de Marco, que era criança quando partiram. Repetiu-se a cena de Constantinopla: ao revelar seus nomes, os Polo foram recebidos **EFUSIVAMENTE** pelo sobrinho.

- ◆ **ESTALEIRO**: lugar onde se constroem ou consertam navios
- ◆ **EFUSIVAMENTE**: que manifesta grande expansão e alegria

A notícia se espalhou pela cidade. Ninguém acreditava que os três pudessem ter chegado vivos daquela aventura. A casa foi se enchendo de amigos, vizinhos, curiosos, autoridades locais. Uma grande festa de boas-vindas foi preparada. Todo o mundo queria ouvir as histórias do misterioso Oriente.

— Foi nessa festa que conheci Maria — disse *Marco século treze*, em um tom sonhador. — Na mesma noite, dei-lhe uma jóia de presente.

— Maria? — repeti, sonolento, como se acordasse de um sonho.

Olhei para ele e me assustei. Sua aparência não era mais a do jovem que tinha invadido meu quarto depois que tio Marco saiu. O rosto estava enrugado. A barba e o cabelo haviam ficado brancos. Até a voz era a de um velhinho:

— Sim, Maria. Minha esposa, *Marco século vinte e um*. Mãe de minhas três filhas... Fantina, Belela e Moreta... Três lindas ragazzas, bambino! Não posso me queixar da vida que tive a sorte de viver.

Senti um cheiro esquisito. Almiscar, gengibre, canela, especiarias... A clareza era tão pouca que não conseguia mais vê-lo com nitidez. Parecia que *Marco século treze* estava se desfazendo no ar.

— Vivi até os setenta anos, cercado pelo carinho da família — disse, com a voz fraquinha. — Particpei da política de Veneza, fui cidadão respeitado, nas honras da República. Ainda acha que fiz pouco, *Marco século vinte e um*?

Fiquei sem graça. Não queria que ele fosse embora chateado comigo.

— Foi você mesmo que trouxe o macarrão da China? — perguntei, com jeitinho. — Obrigado, eu adoro massa. Não poderia viver sem um macarrãozinho...

— Não tem de quê, bambino. Sim, trouxe o macarrão e outras coisinhas: o carvão, a pólvora, que em Pequim era usada nos fogos de artifício...

Minha mãe entrou no quarto bem nessa hora. Pensou que eu estivesse **DELIRANDO**. *Marco século treze* me deu um adeuzinho e sumiu.

— Quem está com você, filho? Estava falando sozinho?

— Ninguém, mãe. Acho que dormi...

Ela trouxe o termômetro e verificou minha temperatura. Eu me sentia bem, a febre tinha baixado. Minha mãe não acreditou e a mediu outra vez, dizendo:

— Você só podia estar com febre para ter lido este livro inteirinho!

❖ **DELIRAR:** ser afetado por uma perturbação temporária das faculdades mentais



ROTEIRO DE LEITURA

- 1) O que você sabe sobre a época em que se passa a história? Pesquise sobre os costumes dos mercadores venezianos no século XIII para conhecer um pouco dos hábitos de vida, das roupas que as pessoas usavam etc. no tempo em que Marco Polo era criança.
- 2) Você acha que Marco Apolino fazia parte de *O Livro do Milhão de Maravilhas* ou a autora que adaptou a obra para esta edição, Isabel Vieira, é que o criou? Em caso afirmativo, por que ela teria feito isso? Você acha que ele teve uma função na história? Qual função?
- 3) Você gostou de Marco Apolino? Por quê? Justifique sua resposta.
- 4) Localize no mapa-múndi os países mencionados no livro. Trace o roteiro da viagem de Marco Polo, partindo de Veneza e passando por Constantinopla. Lembre-se de que a viagem de ida foi por terra e a de volta foi pelo mar. Alguns países mudaram de nome. Veja quais são eles.
- 5) Procure no mapa da Itália a cidade de Veneza. Ela é conhecida como “a cidade dos canais”. A condução mais usada pelas pessoas que ali vivem é a gôndola. Você já viu fotos desse tipo de barco? Procure fotos de Veneza e das gôndolas e mostre-as a seus colegas.
- 6) No livro, Marco é comparado, por brincadeira, ao contador de mentiras do carnaval de Veneza, que usa a máscara de “Milhão”. Você já ouviu falar sobre esse famoso carnaval, no qual as pessoas saem na neve usando máscaras? Procure fotos e mais informações do carnaval de Veneza.
- 7) No capítulo 2, a caravana passa pelo Monte Ararat e o tio de Marco diz que esse é o local onde a Arca de Noé encalhou depois do dilúvio. Reúna-se com seus colegas e relembrem esse episódio da Bíblia.
- 8) Na região de Mossul, Marco Polo é surpreendido por uma fonte que jorrava um óleo negro. Marco Apolino, menino do século XXI, supõe que fosse petróleo. O que você acha que poderia ser? Justifique a resposta.
- 9) Por que os curdos que atacaram a caravana desistiram do ataque ao ver as tábuas que Mafeo Polo lhes mostrou? O que eram essas tábuas?
- 10) Marco Polo conta várias histórias sobre sua passagem por Bagdá. Pesquise com seus colegas como é a vida em Bagdá no século XXI e compare com a do passado.



- 11) Existe uma reação entre o antibiótico terramicina, que Marco Apolino estava tomando, e a atútia, o remédio de terra que curou os olhos de Marco Polo? Entreviste um médico e traga a resposta para seus colegas.
- 12) O que mais impressionou Marco Polo na Mongólia? Como o Grã-Cã tratava seus súditos? Você acha que os governantes do mundo atual têm as mesmas preocupações que ele?
- 13) O que você sabe sobre o exército de Gengis-Cã? O que o pai e o tio de Marco Polo contam é verdadeiro? Pesquise e depois discuta com seus colegas a seguinte questão: no que as guerras daquele tempo eram diferentes das de hoje?
- 14) Se você fosse um navegador como Cristóvão Colombo, teria o mesmo desejo que ele teve de conhecer as maravilhas do mundo de que falava Marco Polo após ler o livro? Justifique sua resposta.
- 15) Quem foi Rusticiano de Pisa? Que importância ele teve na divulgação das viagens de Marco Polo?
- 16) Você acha importante registrar histórias? Por quê?
- 17) Reúna-se com seu grupo e discutam: quais descobertas e aventuras corresponderiam no mundo de hoje àquelas que Marco Polo fez no século XIII? Imaginem uma situação semelhante (uma viagem ao espaço, por exemplo) e montem uma peça mostrando o que os heróis dessa aventura descobririam que a humanidade ainda não saiba.



AS AVENTURAS DE MARCO POLO

BIOGRAFIA DO AUTOR

O italiano Marco Polo foi o mais famoso viajante do século XIII — talvez de todos os tempos. Nascido em Veneza, em 1254, em uma família de comerciantes, ele acompanhou seu pai, Niccolo, e seu tio, Matteo, em uma viagem fantástica ao longínquo Oriente que durou 24 anos, de 1271 a 1295.

Os irmãos Polo eram mercadores. Viajavam em busca de produtos que não existiam na Europa, como sedas, tapetes, especiarias, ouro, pérolas, pedras preciosas, madeiras nobres e até animais exóticos. Niccolo e Matteo já haviam estado na China entre 1260 e 1269 e feito amizade com o soberano mongol Cublai-Cã, neto de Gêngis-Cã. Interessado no cristianismo, este lhes pediu que voltassem à Itália e conseguissem que o Papa enviasse padres à China.

Na viagem seguinte Marco foi junto. Saiu com 17 anos, voltou com 41. Estiveram em lugares como Armênia, Pérsia, Tibete, Iraque, Japão, Índia, Sumatra, Madagáscar e China. Marco tornou-se embaixador de Cublai em Pequim. Viajava pelas províncias e depois contava ao soberano tudo o que via.

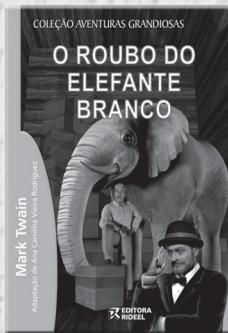
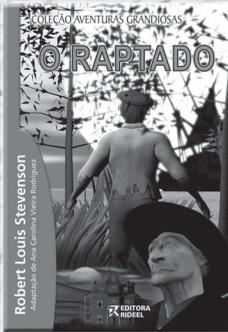
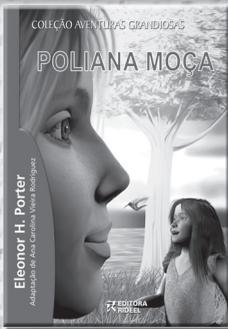
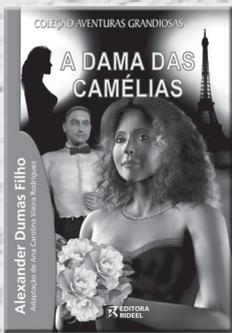
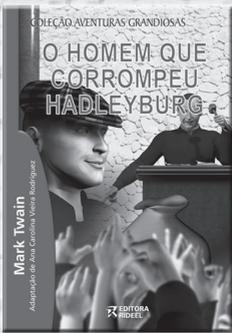
Quando os Polo voltaram a Veneza, a família não os reconheceu. Mais velhos, vestidos em farrapos, estavam, porém, riquíssimos. Suas aventuras só ficariam conhecidas porque, em 1298, Marco Polo foi preso por comandar uma galera veneziana em uma batalha contra Gênova. No cárcere conheceu o escritor Rustichello de Pisa, a quem relatou a viagem. Este colocou no papel o que ouviu, escrevendo *O Livro do Milhão das Maravilhas*, que ficou famoso por meio de cópias manuscritas. Só em 1559 o editor Ramúsio o publicou.

Um dos leitores apaixonados pelo livro foi Cristóvão Colombo. Depois de lê-lo várias vezes, o navegador português decidiu usá-lo para fins práticos. Embarcou à procura das Índias e acabou descobrindo o Novo Mundo.

Marco Polo casou-se, teve três filhas e viveu ainda muitos anos em Veneza, onde morreu aos 69 anos, em 1324. Dizem que, no leito de morte, teria voltado a afirmar que todos os detalhes do livro eram verdadeiros e que ele não havia contado nem metade das maravilhas que havia visto.

COLEÇÃO AVENTURAS GRANDIOSAS

Série 5

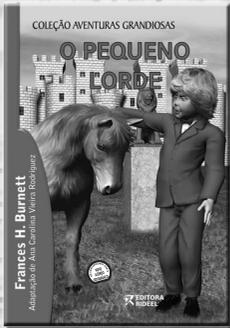
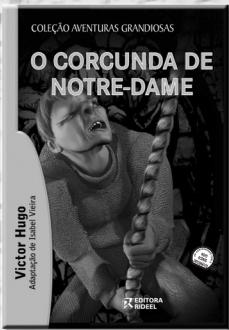
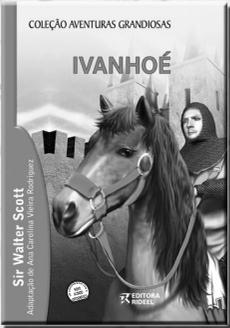
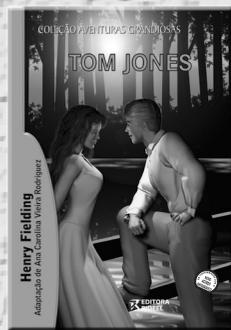
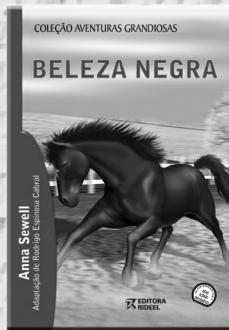


 EDITORA
RIDEEL

COLEÇÃO

AVENTURAS GRANDIOSAS

Série 3



EDITORA RIDEEL